

SUBJETIVIDADES ESQUECIDAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A INSEGURANÇA DOS PROFESSORES NO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA

FORGOTTEN SUBJECTIVES IN TEACHER TRAINING: THE INSECURITY OF TEACHERS IN USING DIGITAL TECHNOLOGIES IN SCHOOLS

SUBJETIVIDADES VEICIDAS EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES: LA INSEGURIDAD DE LOS PROFESORES EN EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES EN LA ESCUELA

Alaim Souza Neto

Doutor em Educação, Comunicação e Tecnologias pela UDESC com estágio de Pós-doc pela UFSC sobre as subjetividades docentes para o uso das tecnologias digitais na escola. Professor da USJ – Universidade São José. E-mail: alaimenergia@gmail.com

RESUMO

Este artigo é um dos produtos de pesquisa de Pós-doc realizada no PPGE da UFSC, em que o objetivo foi problematizar as subjetividades de professores em processo de formação para o uso de tecnologias digitais - TD, identificando entre os discursos dos professores, em especial, a insegurança para lidar com essas TD. Como referencial, aproximamos os campos da Psicanálise e Educação em estudos de Pereira (2011), Codo (1999), Costa et al. (2008), entre outros. Metodologicamente, fizemos uso de diários de bordo e narrativas autobiográficas com os professores e futuros professores durante a disciplina de *Educação e Tecnologias*, ministrada no curso de Pedagogia de uma universidade pública. Entre alguns dos resultados, emerge intensamente a presença de competências subjetivas não problematizadas na formação de professores para o uso das TD, como a segurança, a consciência, a motivação, a autoconfiança e o desejo de inovar, em especial, a insegurança do professor para o trabalho pedagógico com as TD na escola.

Palavras-chave: Insegurança; Tecnologias digitais; Formação docente; Competências subjetivas.

ABSTRACT

The following paper is one of the post-doc research results performed at the PPGE of UFSC, in which the objective was to problematize the subjectivities of teachers under training for the use of Digital Technologies - DT, identifying their insecurity in dealing with such DT. As a reference, the authors joined Psychoanalysis and Education in studies by Pereira (2011), Codo (1999), Costa et al. (2008), among others. Methodologically, the authors used logs and autobiographical narratives with teachers and future teachers during the discipline of Education and Technologies, taught in the course of Pedagogy of a public university. Some of the results show a strong the presence of subjective skills that are not problematized in teacher training for the use of TD, such as safety, awareness, motivation, self-confidence and the desire to innovate, especially teachers' insecurity for the DT pedagogical work in schools.

Keywords: Insecurity; Digital technologies; Teacher training; Subjective competences.

RESUMEN

Este artículo es uno de los productos de investigación de Post-doc realizada en el PPGE de la UFSC, en que el objetivo fue problematizar las subjetividades de profesores en proceso de formación para el uso de tecnologías digitales - TD, identificando entre los discursos de los profesores, en especial, la inseguridad para manejar estas TD. Como referencial, acercamos los campos del Psicoanálisis y Educación en estudios de Pereira (2011), Codo (1999), Costa et al. (2008), entre otros. Metodológicamente, hicimos uso de diarios de a bordo y narrativas autobiográficas con los profesores y futuros profesores durante la disciplina de Educación y Tecnologías, impartida en el curso de Pedagogía de una universidad pública. Entre algunos de los resultados, emerge intensamente la presencia de competencias subjetivas no problemáticas en la formación de profesores para el uso de las TD, como la seguridad, la conciencia, la motivación, la autoconfianza y el deseo de innovar, en especial, la inseguridad del profesor para el trabajo pedagógico con las TD en la escuela.

Palabras clave: Inseguridad; Tecnologías digitales; Formación docente; Competencias subjetivas.

INTRODUÇÃO

Alguns autores do cenário educacional brasileiro têm trazido à baila uma aproximação entre a Psicanálise e a Educação, ajudando-nos a trazer, em particular, para o campo do currículo e da formação de professores, contribuições de Freud para a análise da profissão do professor como uma das tarefas complexas para sua exequibilidade (CODO, 1999; PEREIRA, 2011). Tais complexidades vêm muito carregadas da ideia de que todo ato educativo traz em si o empreendimento do fracasso dada a “paixão humana pela ignorância”, além de o fato de ser relacional, sempre dependente do outro, imprevisível e contingente. Desse modo, o exercício da docência, na construção narcísica da profissão, parece a cada dia se afastar mais do ato de “aprender” e concentrar-se exclusivamente no “ensinar” (SOUZA-NETO, 2015; 2016) na tentativa de cumprir a gramática escolar em que pese a transmissão do conhecimento.

Poderíamos questionar qual conhecimento a transmitir, se o poderoso ou o dos poderosos? (YOUNG, 2007). Entretanto, o que nos interessa é compreender porque a exigência do saber, do poder e da dominação se tornaram características tão centrais da atividade docente. Obviamente, a consciência de qualquer fragilidade, nesta tríade, é uma das muitas razões para as subjetividades dos professores, em particular, o sofrimento pedagógico pela falta de segurança em relação ao seu labor.

Em Pereira (2011), percebemos que nenhum professor gosta de abrir mão da “arrogância narcísica” que mascara, em certa medida, sua falta de conhecimento. Não diferente, algumas das justificativas que emergiram durante a pesquisa de doutorado, como “[...] eu não estou preparado para usar essas tecnologias”, “não tive formação para o uso”, “não uso porque sei usar”, funcionam apenas como recursos discursivos que revelam de algum modo a manutenção da saúde profissional e psíquica dos professores. A exemplo do contexto atual de inserção de Tecnologias Digitais (TD) na escola, o qual nos propusemos no doutorado, o desafio está posto na escola e discursos do “não saber” viram retórica permanente, além de motivos para o professor se justificar em relação ao que precisa ser assumido como compromisso na atividade docente (SOUZA-NETO, 2015; 2016). Atualmente, problematizamos no pós-doc algumas das discussões que não finalizaram no doutorado ao revelar os usos e desusos que os docentes fazem das TD na escola. Assim, com

um “sopro” de ineditismo em torno do objeto, concentramo-nos em aspectos ainda poucos explorados, as quais representaram as principais contribuições para a defesa de nossa tese, a saber: as linguagens que se expressam pelo digital, abordando conceitos de fluência digital articulado ao conceito de apropriação tecnológica, ambos apontados na contemporaneidade da cultura digital como saberes fundamentais para a questão do uso pedagógico das TD, entre os já consagrados saberes pedagógicos e saberes da disciplina (SOUZA-NETO, 2015).

Para além disso, percebemos a presença muito intensa de discursos dos professores em torno das competências subjetivas para a fluência digital do professor e, sobretudo, como: segurança, consciência, motivação, autoconfiança e desejo de inovar. Vemos nessas competências, elementos a serem considerados no desenvolvimento profissional docente. Por isso, a necessidade de compreender como os professores se relacionam com os ‘saberes que não dominam’, como mobilizam ou não o desejo de mudança, como enfrentam um novo desafio e como se conscientizam para a necessidade de avançar seu processo de formação (LUNARDI-MENDES; SOUZA-NETO; SEPTIMIO, 2016). Em tempos em que as novidades tecnológicas são complexas e dinâmicas, a aposta é nesse rol de competências subjetivas docentes, investindo cada vez mais na imprevisibilidade da tarefa docente.

METODOLOGIA

Atualmente, o objetivo da pesquisa do autor no *pós-doc* é problematizar as subjetividades de professores em processo de formação para o uso de TD, identificando, sobretudo, os sentimentos que emergem nos professores e que funcionam como impedimentos para a sua fluência digital. Já entre os objetivos específicos, pretendemos caracterizar os professores de TD na escola, mapeando as diferentes subjetividades em cada um, discutir se as subjetividades desses professores funcionam como impedimentos ou potencializadores para o uso de TD na escola e problematizar as subjetividades dos professores que permeiam os sentimentos de insegurança, desconfiança e medo das TD.

Para tanto, inicialmente, estamos nos aprofundando nos dados da imersão etnográfica que fizemos durante a pesquisa do doutorado em uma única escola da rede municipal de ensino de Florianópolis, em que os sujeitos de pesquisa foram os docentes que atuam no ensino fundamental II. Esse aprofundamento tem como foco principal a análise das competências subjetivas dos professores para usar as TD na escola por meio de pesquisa-formação com professores e futuros professores que estão cursando as últimas fases do curso de Pedagogia em uma universidade pública do município de São José/SC. Quanto aos instrumentos para coleta de dados, fizemos uso do diário de bordo feito durante a disciplina de *Educação e Tecnologias* que ministramos no curso, bem como os discursos de uma narrativa autobiográfica que revela as subjetividades do processo de autoformação de cada um dos sujeitos de pesquisa. Enfim, estamos nos dedicando agora à análise desses dados, em especial, abordando aspectos subjetivos em torno da segurança, ou falta dela, no trabalho pedagógico com as TD na escola.

ANÁLISES EM ANDAMENTO: SEGURANÇA OU INSEGURANÇA?

Embora não nos aproximemos muito da ideia de um movimento de resistência dos professores para o uso das TD, conseguimos mapear que entre os impedimentos ao uso existem movimentos em torno de algumas das crenças inerentes aos professores. Eram crenças a respeito dos processos pedagógicos que os faziam negligenciar os usos das TD em suas práticas escolares por meio de sentimentos, como: medo, falta de confiança, desconforto e, principalmente, insegurança profissional para lidar com as TD. Para Cuban (2001), o movimento de resistir às TD se origina na dificuldade que os professores têm para lidar com as mudanças das suas práticas pedagógicas e, por sua vez, acabam interiorizando que elas nada mais são do que formas de imposição e alteração das tradicionais regras pedagógicas. Desse modo, acabam não se envolvendo com as mudanças por não terem condições de fazê-las, gerando um desejo contrário à mudança, chamado de resistência. Para isso, é importante apoiar os professores para que enfrentem os desafios, exigindo que não os culpabilizemos pela falta de integração das TD nas práticas escolares, mas em vez disso que os auxiliemos em novas direções para “[...] continuar a trabalhar em nível local, pesquisando a própria prática, tornando os programas de formação de professores mais bem-sucedidos nas suas finalidades e agendas [...]” (ZEICHNER; SAUL; DINIZ-PEREIRA, 2014, p. 2223).

Entre os motivos de resistência às TD, percebemos nos discursos que emergiam questões relacionadas ao medo, ao desconforto, à falta de motivação, confiança, interesse, entusiasmo, curiosidade, atitude e de consciência para mudar e pensar em outras possibilidades de ensino com tecnologias diferentes do quadro, giz, caderno, etc. Parecem ser vários os aspectos que impedem que o professor tenha voluntariamente uma pré-disposição para uma tomada de consciência esclarecida sobre como, por quê e para quê usar as TD com os alunos, justificada pela falta, principalmente, de segurança profissional em função da falta de preparo técnico/tecnológico. A respeito dessa ideia, “[...] são apontadas como entraves para práticas pedagógicas inovadoras, como por exemplo, a insegurança dos professores no uso das tecnologias digitais [...]” (CERNY, ALMEIDA; RAMOS, 2014, p. 1342). É uma insegurança que se acentua nas situações de uso com os alunos quando eles percebem que essas TD podem “[...] causar perturbação na eficiência e eficácia com que habitualmente fazem as coisas sem recorrer às tecnologias (encontrando muitos aí as razões para o abandono das TIC após as primeiras tentativas sem sucesso) [...]” (COSTA et al., 2008, p. 514). Desse modo é que fomos olhando para alguns dos discursos dos professores: “O que vou fazer na hora que me perguntarem? Me apavoro com a ideia de eles ficarem perguntando e eu não saber responder. Como é que vou fazer com essas dificuldades? É uma insegurança muito grande para o professor (DADOS DE PESQUISA).

Fomos percebendo que a falta de segurança profissional afetava os esquemas psicológicos dos professores, causando desequilíbrios na relação com os alunos. O fato de os alunos usarem as TD mais que os professores, parece provocar uma atitude de negação no próprio docente: “como vou me deparar com o aluno que está bem preparado para lidar com tecnologias, que sabe mexer, enquanto eu não estou sabendo” (DADOS DE PESQUISA). Os discursos demonstram que eles têm mais confiança em relação ao domínio do conteúdo disciplinar e da didática para ensinar os alunos, contudo, nem todos têm a mesma confiança quando o assunto é o uso das TD para ensinar os conteúdos escolares. Os sentimentos de confiança e segurança do professor têm uma relação com aquilo que é proposto aos alunos sem colocar em jogo os seus conhecimentos docentes, pois as atividades que são oferecidas na escola são claramente atividades que o professor tem domínio, do ponto de vista pedagógico (COSTA *et al.*, 2008). A questão está em perceber que “[...] para além das ‘concepções pedagógicas’ dos professores, no caso dos fatores pessoais determinantes do uso, parecem ser as ‘atitudes’ e a confiança, os fatores que parecem salientar” (COSTA *et al.*, 2008, p. 517). A respeito dos domínios pedagógicos, um dos professores afirma que “[...] domino o conteúdo e a didática, mas me sinto desconfortável com a máquina e o software; às vezes, me sinto desconfortável em saber que o aluno domina mais os programas do computador do que eu” (DADOS DE PESQUISA). Tenho dúvidas sobre a forma correta de utilização das TD em aula” (IDEM). De qualquer forma, “[...] quanto às questões básicas de uso já me sinto mais segura, porém quanto à aplicação pedagógica ainda me sinto pouco confiante e com muitas dúvidas” (IDEM). Estes discursos revelam a sua preocupação em perder a autoridade frente aos alunos e, ainda, que a falta de confiança e segurança está muito relacionada com a falta de competência técnica/tecnológica para usar as TD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à insegurança do professor para lidar com as TD, as observações foram bem reveladoras quando nos revelaram que ela está muito relacionada à falta de experiência de uso pedagógico dessas TD para além do uso pessoal que o professor já faz fora da escola, como também, para os usos mais simples como digitar, pesquisar, se comunicar e se divertir. Uma falta de experiência que, por sua vez, está relacionada aos diferentes espaços, tempos e saberes que as TD promovem e que os professores não estão acostumados, representando riscos ao professor em função da perda do controle da aula. São riscos porque surgem em decorrência dos usos das TD a serem feitos, das necessidades de instalações e configurações dos programas, tempo da aula que fica menor e, principalmente, perguntas dos alunos de ordem mais técnica e que desestabilizam o professor sobre quais comandos executar, teclas a apertar, etc. Se por um lado a ideia de o professor se sentir seguro e confiante é um fator fundamental ao uso das TD na escola, por outro, a

falta de segurança se relaciona aos seus receios, medos e ansiedades. É nessa ideia que estamos nos delimitando pelo campo das subjetividades dos professores, atendo-nos para as contribuições no campo da formação docente e do currículo, enfatizando o quanto tais subjetividades têm sido negligenciadas e, porque não dizer, esquecidas, durante o planejamento das formações docentes para o uso de TD na escola.

REFERÊNCIAS

CERNY, Roseli Zen; ALMEIDA, José Nilton de; RAMOS, Edla. Formação continuada de professores para a cultura digital. **Revista e-Curriculum**, São paulo, n. 12, v. 2, p. 1331-1347, maio/out. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/766/76632206013.pdf>>. Acesso em: 17 de maio 2015.

CODO, Wanderlei (Coord.). **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: CNTE:Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

COSTA, Fernando Albuquerque; *et al.* **Competências TIC: estudo de implementação**. Lisboa: GEPE, 2008. (Plano Tecnológico de Educação, v. 1).

CUBAN, Larry. **Oversold and underused: computers in the classroom**. USA: Harvard University Press, 2001.

LUNARDI MENDES, Geovana Mendonça; SOUZA NETO, Alaim; SEPTIMIO, Caroline. O “não-saber” como retórica constante: aproximações entre os observatórios de educação especial e de políticas de inserção de tecnologia. **Revista Teias**, v. 17, n. 46, p. 90-109, set./dez. 2016.

MORAES, Dirce Aparecida Foletto de; GOMES, Joyce; GOUVEIA, Sergio. As tecnologias digitais na formação inicial do pedagogo. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 214-234, jan/abr. 2015.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Aveso de uma paixão. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n.120, maio de 2011. p. 36-44.

SOUZA NETO, Alaim. **Do aprender ao ensinar com as tecnologias digitais: mapeamento dos usos feitos pelos professores**. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC: Florianópolis, 2015.

_____. **Do aprender ao ensinar com as tecnologias digitais: discussões atuais aos professores**.

Pimenta Cultural: São Paulo, 2016 (NO PRELO).

ZEICHNER, Kenneth M.; SAUL, Alexandre; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Pesquisar e transformar a prática educativa: mudando as perguntas da formação de professores: uma entrevista com Kenneth M. Zeichner. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03, p. 2211-2224, out./dez. 2014.

YOUNG, Michael F. D. Para quê servem as escolas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007.